



## Editorial

### 40 anos de ciência da religião

No ano de 2018, o Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião da PUC-SP celebrou 40 anos de sua instalação na Universidade, evento que coincide com a presença oficial da área no país. A PUC-SP inaugurava naquele ano uma nova nomenclatura que viria a ser o chão de uma nova área que, gradativamente, marcou presença nas universidades brasileiras. Chegava um tanto receosa em nosso contexto, uma nomenclatura inédita, mas já conhecida, utilizada e praticada, sobretudo na Europa, havia quase um século.

A iniciativa era arriscada, pois a abordagem acadêmica da religião e do fenômeno religioso no geral era marginalizada pela forte herança do iluminismo e do positivismo, das abordagens marxistas e do secularismo que marcaram o ambiente universitário brasileiro e apostavam no desaparecimento da religião ou a não compatibilidade desta com as investigações científicas.

A universidade brasileira desconhecia não somente essa ciência como também a sua futura parceira, a teologia; ambas não constituíam, até então, abordagens legítimas integrantes do panteão das ciências presentes nas universidades; sendo que a teologia teria que aguardar mais duas décadas para receber o reconhecimento oficial do MEC como curso superior e a ciência da religião esperar por suas diretrizes curriculares até 2018. No entanto, os programas de pós-graduação tiveram um papel pioneiro na publicização e, por conseguinte, na construção da legitimidade dos estudos científicos da religião no país. De fato, antes que a área recebesse seu reconhecimento político e epistemológico com os cursos de graduação devidamente legislados, os programas de pós se encarregaram de fazê-la legítima e operante na comunidade científica; foram nucleando pesquisadores, exercitando configurações curriculares e produzindo ciência sobre o fenômeno religioso com os mais diversos recortes.

Vale recordar que, na sequência imediata da instalação do Programa da PUC-SP, foi criado o programa do Instituto Metodista, hoje Universidade Metodista de São Paulo. E, progressivamente, outros programas entraram na cena acadêmica: o da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), primeiro de uma instituição pública estatal, os de algumas PUCs e de outras instituições públicas e privadas. Hoje, somam mais de uma dezena de programas espalhados pelo Brasil, com algumas variações de nomenclatura.

O programa de ciência da religião da PUC-SP nasceu como as ciências de um modo geral: com o desafio de demonstrar sua estatura epistemológica perante a comunidade interna, num primeiro momento e, em seguida, perante a comunidade científica gestada pelos órgãos reguladores do governo federal. Os estudos científicos de religião careciam não somente de uma tradição que lhes desse respaldo político e epistemológico, mas também padeciam de um desconhecimento generalizado por parte da própria comunidade acadêmica local e nacional. Não raro, eram confundidos com teologia

ou preteridos às ciências sociais, espécie de mãe legítima e legal que devia amparar a abordagem científica sobre o religioso. Ademais, o habitat confessional, no caso da PUC, católico, favorecia, não raro, a mesma confusão ou indistinção epistemológica. A presença de professores teólogos e de alunos munidos de motivações teológicas e pastorais reforçava com naturalidade tal tendência que ainda persiste em muitos programas atuais. Os primeiros programas tiveram, de fato, um perfil do que subsidiava a preparação de agentes religiosos para as comunidades eclesiais, sendo que não faltava a presença de abordagens teológicas entre as dissertações e teses que eram produzidas.

Nas décadas seguintes, o programa da PUC deu passos importantes na construção da especificidade epistemológica da ciência da religião para si mesmo e para o país. As décadas de grã-chancelaria da mantenedora da universidade por parte de Dom Paulo Evaristo Arns facilitou, com certeza, a construção dessa identidade autônoma da teologia. Para o eminente cardeal, doutor pela laica Sorbonne, a PUC-SP deveria perseguir seu ideal de ensino pesquisa e extensão, sendo, antes de tudo, uma autêntica universidade, onde o fazer científico deveria gozar de plena autonomia. Enquanto a ditadura militar perseguia pesquisadores e caçava cátedras, a PUC acolhia professores censurados e exilados. A ciência da religião foi criada e se desenvolveu sob esse amparo político maior: de uma universidade livre e dedicada à investigação. Acrescenta-se a esse dado político a opção do mesmo grã-chanceler de manter fora da PUC a sua Faculdade de Teologia. Assim, enquanto, a Pontifícia Faculdade de Teologia, originariamente integrada à PUC, trilhava seu caminho próprio como instituição isolada, na PUC a ciência da religião também descobria a firmava-se em sua identidade, cada vez mais distinta da teologia, percurso nem sempre observado em outras instituições confessionais.

No decorrer de sua história, o programa de ciência da religião da PUC passou por três configurações curriculares que firmaram, progressivamente, a identidade específica da área e, por conseguinte, uma concepção sempre mais nítida do estatuto constitutivo da ciência da religião. Nesse sentido, há que observar que a ciência da religião não nasceu pronta na universidade, mas, ao contrário, foi sendo construída política e epistemologicamente no decorrer do tempo, contando com as possibilidades políticas e com as fundamentações teóricas e metodológicas que iam sendo oferecidas por docentes especialistas integrantes de seu quadro. Se a primeira configuração curricular exibía uma estrutura marcada já pela interdisciplinaridade (presença de várias disciplinas dedicadas ao estudo científico da religião), o que se configurou em seguida, no início dos anos noventa, buscou um desenho curricular que expressava de modo coerente uma concepção de ciência da religião. Um currículo mais articulado emergiu a partir de áreas de concentração que focavam os fundamentos epistemológicos, os estudos sociológicos e a dimensão simbólica. Essas áreas agregavam as disciplinas que investigavam o objeto-religião pelos vieses da filosofia, das ciências sociais, da psicologia e dos estudos dos textos sagrados. A configuração curricular em vigor recoloca os estudos científicos da religião em duas grandes áreas de concentração que respondem, de um modo geral, pelos estudos empíricos e sistemáticos da religião, sendo que, em cada uma das áreas se alojam, respectivamente, as abordagens direcionadas à investigação teórica e empírica da questão. A natureza epistemológica dessa configuração atual expressa: a) uma nítida clareza da identidade da ciência da religião, distinta de outras abordagens

na casa comum das ciências humanas; b) uma opção epistemológica e metodológica que privilegia o ensinar a fazer ciência da religião, mais que o transmitir conteúdos sobre as religiões; c) portanto, um foco sistemático no aprimoramento metodológico da pesquisa de cada mestrando e doutorando; d) e, por conseguinte, uma busca de inserção do futuro pesquisador na vida acadêmica da comunidade científica da área.

Essa configuração curricular foi sendo construída em uma rica circularidade com mais duas frentes que se desenhavam na comunidade interna e externa ao Programa: a construção de uma árvore de conhecimento para as áreas de teologia e ciência da religião no âmbito da ANPTECRE e a elaboração do *Compêndio de Ciência da Religião*. Uma concepção de ciência da religião como ciência que opera a partir do exame epistemológico de si mesma e de suas relações com outras abordagens próximas, que se dedica a objetos empíricos e a linguagens religiosas e que visa aplicar seus resultados em questões atuais emergentes, constitui a esteira comum das três instâncias. A atual Área 44 da Capes assume como base esse desenho epistemológico, a partir da árvore do conhecimento oferecida na ocasião pela ANPTECRE.

O programa de ciência da religião da PUC foi protagonista na reflexão que hoje se encontra publicizada como conteúdo constitutivo da área e do que orienta oficialmente a concepção e estruturação dos programas de pós-graduação em ciência da religião e teologia em âmbito nacional.

Nenhuma ciência é definitivamente concluída, embora todas se instituem, evidentemente, com pretensões de longa duração. Nas perspectivas de Bachelard, de Popper ou de Kuhn, o que distingue as ciências de outras tradições constituídas é, precisamente, sua necessária renovação; renovação que supera toda e qualquer fixação epistemológica ou curricular. A ciência da religião avançou significativamente no Brasil desde sua chegada cambiante. Vivenciamos, por certo, a fase mais vigorosa da área em nosso país, seja em termos de clareza epistemológica (publicizada e institucionalizada), seja em termos de organização política e de produção científica. Os aspectos epistemológicos e políticos, inseparáveis na construção das ciências, se mostram presentes como tarefas de vigilância e de proposição permanentes. Assim como na esfera da investigação, a estruturação institucional e as ações político-acadêmicas de uma ciência exigem crítica e criatividade incessantes. Ademais, no contexto político atual, o imprevisível que se impõe como fato e regra de gestão das políticas científicas e educacionais, exige vigilância redobrada das diversas áreas de conhecimento. Não bastará a vigilância epistemológica inerente ao ato de fazer ciência, mas um esforço de controle social efetivo sobre as decisões governamentais que estão atingindo diretamente a vida acadêmica das instituições de ensino do país.

Nesses 40 anos, a ciência da religião foi sendo construída na PUC em um crescente histórico que agregou reflexões, sujeitos e experiências acadêmicas. E, como em qualquer processo, houve também perdas. Vale ressaltar aquelas que nos tocaram de modo dramático com a morte de professores ou afastamento por idade. Esses protagonistas estarão sempre presentes nas suas sentidas ausências por meio daquelas que hoje conectam o fio da memória entre as gerações. As gerações passam, o programa permanece, o futuro nos desafia com suas promessas.

O dossiê está organizado em três blocos temáticos: o primeiro, de recorte mais histórico, porém profundamente marcado pelas discussões epistemológicas que fundamentaram a constituição da área e da sua relação com teologia; o segundo traz um aporte metodológico com a utilização de dados quantitativos; em diálogo com outros saberes, aplicados às produções e à vida dos pesquisadores. O terceiro mostra o aprofundamento da pesquisa em determinados temas e apresenta alguns desafios da área, especialmente com as mudanças do cenário regional e global que influenciam a pesquisa do fenômeno religioso.

Os primeiros passos do programa são apresentados com as memórias descritas por Edenio Valle na sessão Fórum, trabalho que contextualiza o ambiente no qual se deu a criação do programa da PUC-SP. Apesar da proximidade da ciência da religião com a reflexão teológica desde o início, a distinção das abordagens e delimitações amadurecidas ao longo dessas quatro décadas. Essas etapas são apresentadas no artigo de Silas Guerriero, que aponta, especialmente, para as reformulações e demarcações epistemológicas que culminaram na singularização da ciência da religião e sua afirmação epistemológica no cenário acadêmico brasileiro. Como parte dessa experiência inicial, Frederico Pieper discorre sobre a presença da ciência da religião na universidade pública. Partindo da experiência inicial na Universidade Federal de Juiz de Fora, amplia o quadro com o levantamento de todos os programas em funcionamento em instituições públicas do país para caracterizar seus dois modelos de implantação. Este bloco se completa com o artigo historiográfico que resgata a figura do pastor presbiteriano Jorge Bertolaso Stella como uma das figuras emblemáticas da “pré-história” da ciência da religião, como proposto por Carlos E. Calvani.

O bloco metodológico discute inicialmente a proximidade da ciência da religião com a teologia, tal como consagrada na conjunta atual da CAPES, com base no princípio pluralista apresentado por Cláudio R. de Oliveira. A possibilidade de interação com outras áreas de saber, especialmente com a inclusão de análises quantitativas, aparece também na análise dos dossiês em publicações das duas áreas elaborada por Alex Villas Boas, Andréia Cristina Serrato, Aláís Daiane Zdziarski e June Alisson Westarb Cruz. Acrescido do levantamento de Welder L. Marchini sobre as teses e dissertações do programa na PUC-SP mostrando os percentuais de religiões pesquisadas, bem como o impacto do financiamento público no crescimento das pesquisas. Por fim, são expostos os resultados da pesquisa conduzida por Fátima R. Machado sobre a relação religião e ciência na vida dos pesquisadores nas várias instituições do país. Uma vez mais, o aporte metodológico serve como base para a análise de cunho psicológico, que nos ajuda a entrever o perfil dos pesquisadores na área.

Como mostra da contribuição do programa, o último bloco foca sobre o avanço das pesquisas do cenário religioso em temas específicos como o ensino religioso no artigo escrito por Sérgio Junqueira e nos estudos das religiões afro-brasileiras apresentado por Ênio Brito e Cláudio S. Pimentel. Os avanços a partir das demarcações epistemológicas e das várias possibilidades onde a ciência da religião aplicada é constatada ainda no artigo de Abdruschin S. Rocha e Osvaldo L. Ribeiro. A experiência pioneira do mestrado profissional da área na Faculdade Unida de Vitória (FUV) se destaca como um passo a mais em busca do reconhecimento das possibilidades de atuação profissional em

colaboração com outras áreas como educação, direito e saúde. Para finalizar, a análise da relação religião e espaço nos estudos da religião pelas ciências sociais no contexto latino-americano proposta por María Eugenia Funes amplia os horizontes neste balanço de quatro décadas de caminhada caracterizada certamente pela cooperação entre tantos pesquisadores.

A ciência da religião está em construção no Brasil, assim como todas as áreas em qualquer tempo e lugar. O Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC-SP participa há 40 anos dessa tarefa epistemológica e política. Em tempos de religião em alta e ciência em baixa, seu papel crítico permanece relevante e urgente.

*Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira*  
*João Décio Passos*